

### 13. A força dos mártires

A carta aos Hebreus conclui sua reflexão, exortando a fazer memória de Cristo, uma memória que fixe o olhar Nele, crucificado e glorioso, para extrair desta memória a força de graça, que não nos deixa perder a coragem e a confiança na luta contra o pecado, em nós e nos outros:

"Corramos com paciência a carreira que nos está proposta, olhando para Jesus, autor e consumidor da fé, o qual, pelo gozo que lhe estava proposto, suportou a cruz, desprezando a desonra, e assentou-se à direita do trono de Deus. Considerai, pois, aquele que suportou tais contradições dos pecadores contra si mesmo, para que não enfraqueçais, desfalecendo em vossos ânimos. Ainda não resististes até ao sangue, combatendo contra o pecado." (Hb 12,1-4)

O autor da carta fala quase exclusivamente de paixão, de luta contra o pecado, corrida exaustiva, sangue derramado. Mas em meio a tudo isto, insere a frase: "Está sentado à direita do trono de Deus", e é como se nesta frase concentrasse toda a vitória de Cristo contra o mal e a morte, toda a ressurreição. Basta mostrar esta imagem para colocar ao centro da luta universal e cósmica, entre o bem e o mal, a vitória do Ressuscitado, do qual nasce a força e a vitória dos redimidos.

A visão do mistério de Cristo na carta aos Hebreus, nos remete imediatamente à força dos mártires e ao significado do martírio cristão. Cristo à direita do Pai, enviando o Espírito, permite testemunhá-Lo até ao martírio, como nos é mostrado paradigmaticamente no primeiro mártir, Estevão.

Lendo a história do martírio de Estêvão, se tem a impressão de que tenha lido as exortações de São Paulo e a carta aos Hebreus. Evidentemente, aconteceu o contrário: o espetáculo dos mártires inspirou os escritos apostólicos. Não esqueçamos que Paulo foi testemunha direta e cúmplice do martírio de Estêvão.

É como se a lapidação de Estêvão fosse provocada, exclusivamente, pela sua visão de Cristo à direita do Pai, assim como a paixão e morte de Jesus, que foi decidida quando afirmou diante do Sinédrio que teriam visto o Filho do homem "sentado à direita da Potência" (Mt 26,64).

Lemos nos Atos dos Apóstolos: Estêvão, "cheio do Espírito Santo, fixando os olhos no céu, viu a glória de Deus, e Jesus, que estava à direita de Deus; e disse: Eis que vejo os céus abertos, e o Filho do homem, que está em pé à mão direita de Deus. Mas eles gritaram com grande voz, taparam os seus ouvidos, e arremeteram unânimes contra ele. E, expulsando-o da cidade, o apedrejavam" (At 7,55-58)

Este episódio mostra como para a Igreja primitiva o "fixar o olhar" e o "pensar cuidadosamente" (cfr. Hb 12,2-3) a Cristo, que está à direita do Pai na glória, fosse o centro da vida cristã, e como fosse a essência do testemunho, até o martírio. A presença de Jesus com o Pai, era o centro da meditação cristã, a fonte da graça, mas também o motivo que atraía a hostilidade até a morte violenta.

Naquela visão de Estêvão, visão de fé em Cristo que Estêvão e os primeiros cristãos tinham, e que nos transmitiram, se concentrava todo o sentido e valor da vida, todo o tesouro de que viviam e pelo qual sacrificavam a vida, porque a presença gloriosa de Cristo à direita do Pai, vale mais que a vida, é a nossa vida mais que a nossa vida.

" Eis que vejo os céus abertos, e o Filho do homem, que está em pé à mão direita de Deus." (At 7,56).

Estêvão morre por testemunhar o que contempla. Seu olhar fixo em Jesus é testemunho e martírio, que em grego é a mesma palavra. Todos nós somos chamados a fazer memória de Cristo, a cultivar seu conhecimento, a aprofundar a sua Palavra, a relação com Ele na oração, e vê-lo no próximo, no pobre. Este olhar fixo em Jesus, realmente, toma toda a nossa vida? Realmente doa toda a nossa vida para Ele? Este olhar fixo em Jesus, realmente, compreende toda a nossa vida, para que se torne um testemunho Dele?

É incrível como Santo Estêvão se deixa "impressionar" pelo que vê, olhando para Jesus! Está impressionado como uma fotografia é impressionada pela luz da imagem que reproduz. Estêvão morre como Jesus, dizendo quase as mesmas palavras, perdoando os assassinos. Não é um fingimento, é imagem real que se reproduz, pois Estêvão se expõe completamente à luz do Modelo que se imprime.

Estêvão, contemplando Jesus à direita do Pai, não contempla somente duas Pessoas próximas, mas a relação, o amor e a predileção mútua. No fundo, Estêvão contempla o Espírito Santo, contempla a Trindade como Pai, Filho e Espírito em comunhão de amor eterno e infinito. Estêvão é chamado "cheio do Espírito Santo" (At 7,55) quando fixa o Filho à direita do Pai. O Espírito o enche da Realidade que vê, da comunhão do Pai com o Filho. A memória de Deus em Estêvão, é a presença que preenche e o prende dentro do Mistério, de modo que a morte que sofre não pode deixar de manifestar o Mistério, que desejavam silenciar e suprimir.

É importante meditar sobre esta cena, comparando-a com o nosso olhar para Cristo, a nossa contemplação do mistério de Deus. Quanto nos "prende" a nossa memória de Cristo? Muitas vezes temos dificuldade em tomar um pouco de tempo, um pouco de atenção, esforço e sono. O testemunho dos mártires e confessores, nos mostra que é realmente possível, até a crianças como os pastorinhos de Fátima, lançar a rede à direita do barco, e é este "lançar" toda a vida que é fecundo, que enche a rede da vida de fruto para a Igreja, de fruto que é a Igreja, que é na comunhão entre os homens onde se reproduz a Comunhão Trinitária.

Entendemos que precisamos de uma conversão, para deixar-se envolver pela predileção entre o Pai e o Filho no Espírito, que é a essência daquele "lado direito", reservado a cada um de nós, o qual Jesus nos convida, chamando-nos com ternura familiar, da beira do lago. Chama-nos a entrar na sua familiaridade com o Pai, lançando a nossa vida.